

*

A DOXA COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NA NARRATIVA ESPORTIVA DE FUTEBOL NA TELEVISÃO

DOXA AS ARGUMENTATIVE STRATEGY IN THE SOCCER NARRATIVE ON TELEVISION

Cristiane Alvarenga Rocha Santos¹

Resumo: Baseado em uma perspectiva dos estudos atuais da retórica (AMOSSY, 2005, 2006), este artigo visa investigar a narrativa esportiva de futebol (NEF) não apenas como o lugar de um fazer-saber, mas também de um fazer-creer a partir do estudo da argumentação. Por meio de um recorte da narrativa de um jogo da seleção feminina de futebol, durante as eliminatórias para os Jogos Olímpicos de Pequim 2008, transmitida pela Band, pretende-se analisar como a *doxa* se manifesta no discurso construído em uma NEF específica e identificar os elementos dóxicos presentes nessa NEF. Com isso, espera-se contribuir para pesquisas na interface discurso/argumentação/mídia que considerem a argumentação como uma prática sócio-discursiva ancorada em uma *doxa* que, por sua vez, constitui o sujeito falante.

Palavras-chave: *doxa*; argumentação; narrativa esportiva de futebol.

Abstract: Based on an overview of current studies of rhetoric (AMOSSY, 2005, 2006), this article aims to investigate the soccer game narrative (SGN) not only as a place to make-know, but also a make-believe from the study of argumentation. Through a soccer game narrative outline of women's team during the qualifiers for the Olympic Games in Beijing 2008, transmitted by Band, we intend to analyze how the *doxa* manifests itself in the discourse constructed in a specific SGN, and identify the doxics elements present in this SGN. With this we hope to contribute to research at the interface discourse/argumentation/media to consider the argument as a social and discursive practice anchored in a *doxa* that, in turn, is the speaking subject.

Keywords: *doxa*; argumentation; soccer game narrative.

Introdução

Após a derrocada da Retórica Antiga desencadeada pela crítica de Platão (1991) de que esta seria “não-positiva”, “sujeita a todo tipo de manipulação”, “prática de falseamento da realidade”, relacionada à “manipulação e ao comércio do discurso”, prevaleceu uma visão em que o conceito de verdade se tornaria central. Assim, o

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail para contato: crisrochalv@gmail.com.

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

discurso estaria subordinado à verdade proposicional, a qual obedeceria aos critérios de conformidade à realidade e de não-contradição.

Aristóteles, embora não se opondo à crítica de Platão sobre o caráter não-evidente e não-positivo da retórica, focalizou suas reflexões na exploração, ao máximo, dos meios e dos procedimentos mais eficazes para persuadir e elaborar um discurso. Apresentou, então, algumas mudanças em termos da definição da disciplina. Enquanto no início a Retórica era vista como uma “sofística de arte da eloquência e do ‘falar bem’” (SOUZA, 2001, p. 162), ele a considerava “[...] capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir.” (ARISTÓTELES, 1959, p. 24).

O filósofo apresentou muitas contribuições, como a importância, para a adesão de uma tese por um auditório, da conformidade das crenças do orador com as que aquele possui; a relação entre o orador e o auditório a partir da qual ele descreveu a existência de três provas retóricas – *ethos*, *pathos* e *logos* –; bem como o desenvolvimento da noção de gêneros retóricos, entre outras. Enfim, “[...] este autor teve papel fundamental no desenvolvimento e sistematização do conhecimento sobre a Argumentação.” (MENEZES, 2001, p. 185).

A Nova Retórica, desenvolvida por Chaïm Perelman, foi uma das abordagens teóricas herdeiras da visão aristotélica. Partindo de uma diferenciação entre demonstração e argumentação, o pesquisador define esta última “[...] como um fenômeno da linguagem relacionado à participação social e política em questões do interesse público [...]” (MENEZES, 2001, p. 185) e caracteriza a apresentação de argumentos ou razões a favor ou contra uma dada tese. Além disso, afirma que, para que a argumentação seja efetiva, é necessário que orador e auditório se comprometam um com o outro – o primeiro, a tentar convencer; o último, a ouvir e a aderir ou não ao que apresenta o orador.

Semelhante a Aristóteles, Perelman relaciona o uso da palavra à credibilidade do orador, o qual constrói uma imagem do auditório antes de dirigir-lhe a palavra, considerando os conhecimentos que possui deste. Assim também, observar-se-á adiante que “o bom andamento da troca exige que a imagem do auditório corresponda uma imagem do orador.” (AMOSSY, 2005, p. 124). Ele também sustenta a perspectiva do

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

filósofo no que tange aos gêneros retóricos/discursivos, embora enfatize em seus trabalhos o gênero judiciário.

Para o desenvolvimento deste trabalho, partir-se-á da afirmação de Amossy (2005) de que

a importância atribuída ao auditório acarreta naturalmente a insistência no conjunto de valores, de evidências, de crenças, fora dos quais todo diálogo se revelaria impossível; em outras palavras, conduz a uma doxa comum. É mediante um trabalho sobre a doxa que o orador tenta fazer seu interlocutor partilhar seus pontos de vista. [...]. (AMOSSY, 2005, p. 123).

Com base no que diz a pesquisadora, a qual enuncia de um lugar de interface entre Retórica e Análise do Discurso, podemos dizer que a *doxa* é um elemento constituinte e indispensável às trocas verbais que realizamos diariamente tanto em situações institucionais quanto em contextos informais.

Por isso, a *doxa* se apresenta como um elemento retórico-discursivo digno de investigação, especialmente nos gêneros que compõem o ambiente midiático televisivo, já que a televisão é objeto de discussão frequente quanto ao seu caráter manipulatório e/ou formador de opinião. Isso nos leva a querer mostrar como a *doxa* é incorporada pelos enunciadores que desejam alcançar a adesão dos telespectadores, seja em discursos essencialmente argumentativos seja naqueles que apresentam como parte de sua constituição a argumentação, como será o caso do gênero discursivo que se propõe analisar mais adiante.

Portanto, os objetivos deste trabalho consistem em investigar as narrativas esportivas de futebol (NEF) não apenas como o lugar de um fazer-saber, mas também de um fazer-crer, a partir do estudo da argumentação; analisar como a *doxa* se manifesta no discurso construído em uma NEF específica; identificar as camadas dóxicas que constituem essa NEF específica; discutir como a *doxa*, atrelada à noção de *ethos* discursivo, caracteriza-se enquanto estratégia argumentativa na troca verbal em questão.

Serão abordadas, desse modo, algumas questões relativas à *doxa*, como sua definição, como se caracteriza nos discursos, quais as categorias nas quais ela pode ser dividida e sua importância para uma concepção dialógica do discurso. Em seguida, será discutida a relação entre *doxa*, *ethos* e interação, apontando também a importância da noção de “contrato de comunicação” (CHARAUDEAU, 1978) para o desenvolvimento

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

de uma interação fundamentada na *doxa* dos participantes da troca verbal. Por fim, será apresentada uma proposta de análise baseada nos conceitos desenvolvidos.

Sobre a doxa

A atual noção de *doxa*, herdada da Grécia antiga, mais conhecida por “conhecimento comum”, “opiniões partilhadas”, entre muitas outras, é objeto de investigação de diversas disciplinas que se engajam na compreensão da comunicação e interação social. Na Antiguidade, a *endoxa*, conforme definição de Aristóteles, estaria relacionada a opiniões aceitáveis pelas pessoas mais influentes da polis, ou seja, fruto de um representativo consenso.

Porém, cabe ressaltar que há uma diferença entre o que era considerado “consenso” naquela época e o que passou a sê-lo nos regimes democráticos modernos. A primeira acepção de “consenso” “[...] incluía apenas os cidadãos de Atenas, capazes de buscar uma concordância na polis e não, por exemplo, escravos, bárbaros, [sic] ou mulheres.” (AMOSSY, 2002b, 371, tradução nossa). Além disso, segundo Aristóteles, esses homens apenas poderiam ser substituídos por uma elite de homens sábios ou até mesmo pelos deuses. A *endoxa*, portanto, consistia no que era reconhecido e acordado por uma parcela da população, pelo grupo que detinha o saber, o qual representava um poder legítimo naquela sociedade.

Desse modo, verifica-se uma diferença entre o que Platão tratava por *doxa* e o que Aristóteles entendia por *endoxa*. Esta última, como foi dito, representava uma opinião, um conhecimento comum, porém, apenas a uma parcela da sociedade, enquanto a primeira é compreendida como uma opinião, um conhecimento comum partilhado pela maioria das pessoas que compõem uma sociedade.

Na modernidade, houve uma desvalorização da *doxa*, dentre outros motivos, devido ao êxito da filosofia Cartesiana, a qual, ao contrário da filosofia aristotélica, defendia a busca da Verdade, supervalorizando com isso a ciência e seu discurso positivista. Segundo Amossy (2002b),

a avaliação negativa da doxa alcançou um clímax nos tempos modernos. A partir do século XIX, a doxa resurgiu sob vários, principalmente pejorativos, rótulos. Ela foi definida como uma vagueza de pensamento e de estilo, como

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

a vulgaridade da opinião comum e a banalidade da linguagem gasta. (AMOSSY, 2002b, 373, tradução nossa).

Elementos dóxicos passaram a ser disseminados pela imprensa, o que era visto com maus olhos pelos intelectuais da época que afirmavam:

o espaço democrático que todos os cidadãos podem partilhar – o lugar comum – tornou-se então o espaço degradado do vulgus, o público. Desde então, a doxa, em suas várias designações e terminologias, foi tomada como um discurso não crítico, repetição desprovida de reflexão. (AMOSSY, 2002b, 374, tradução nossa).

Seguindo tendências marxistas mais ou menos ortodoxas que alimentaram a noção de ideologia, a crítica ideológica, iniciada por Gustave Flaubert², defendia que nossa relação com o mundo era mediada por sistemas de representação constituídos de uma rede de valores, opiniões e crenças que os sujeitos tendem a confundir com o Real e a Verdade. Para os que compartilhavam este ponto de vista, os indivíduos eram seduzidos pela falsa transparência do conhecimento partilhado, tornando-se vítimas de uma mistificação, cabendo ao analista de discurso desvelá-lo a fim de expor e denunciar a perversidade ideológica ali contida.

Outras perspectivas surgiram, como a Teoria da Argumentação na Língua – ou Pragmática Integrada –, desenvolvida por Ducrot e Anscombre (1987), apresentando uma retomada da definição de *topos* (um dos elementos dóxicos, equivalente ao “lugar específico” aristotélico) como fora proposta pela Retórica, integrando-a a uma abordagem pragmática. Para eles, o *topos* consistia em uma lei de passagem que garantia a passagem de um argumento [A] a uma conclusão [C]. Os *topoi* são, portanto, princípios gerais e consensuais sobre objetos que fazem parte das interações, dentro de uma comunidade de sujeitos dada.

Cabe ressaltar que a Pragmática Integrada se recusou a dissociar a retórica da semântica, não apresentando uma preocupação com a argumentação no discurso e sim na língua, propondo-se a analisar apenas enunciados fora de contexto. De acordo com Amossy (2006),

²Prosador importante, Flaubert marcou a literatura francesa pela profundidade de suas análises psicológicas, seu senso de realidade, sua lucidez sobre o comportamento social, e pela força de seu estilo em grandes romances, tais como “Madame Bovary” (1857), “Educação sentimental” (1869).

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

na medida em que a pragmática integrada define a argumentação como um encadeamento de enunciados, o *topos* preenche uma função crucial já que é ele que permite ligar dois enunciados ou conjuntos de enunciados a partir de uma ideia comumente admitida. (AMOSSY, 2006, p. 117, tradução nossa).

Os *topoi* são divididos em duas categorias: *topos* intrínseco (funda a significação de uma unidade lexical, embora também seja de ordem cultural) e *topos* extrínseco (funda a significação a partir do reservatório ideológico que toda língua possui em uma época dada). O exemplo “Pedro é rico, ele pode comprar o que desejar” é fundado em um *topos* intrínseco, pois faz parte do significado do item lexical [rico] o traço semântico [ter poder de compra]. No entanto, “Pedro é rico, ele tem muitos amigos interesseiros”, já implica um sentido ancorado em valores, crenças de uma dada sociedade, em uma determinada época.

Essa abordagem, a qual passou por diversas formulações, também demonstrou um grande interesse pelo uso dos conectivos enquanto operadores argumentativos que revelavam uma orientação argumentativa do enunciado. “Para eles [Ducrot e Anscombre], a frase apresentava-se com vantagem à análise em relação às enunciações empíricas, justamente por ser repetível e poder-se analisá-la como em um processo laboratorial.” (MENEZES, 2001, p. 188).

Perelman, embora tenha alguns pontos de contato com a teoria proposta por Ducrot e Anscombre no que tange à *doxa*, principalmente por enfatizar seu estudo sobre o *logos* retórico, preocupou-se em definir uma série de técnicas argumentativas capazes de garantir uma eficácia argumentativa. Para ele, o discurso também se constrói sobre pontos de acordo que consistem em premissas aprovadas pelo auditório. A argumentação se apoia, diferentemente de como sustentava Aristóteles, em lugares do preferível, como: da quantidade, da qualidade, da ordem, do existente e da essência.

Ele detecta uma dimensão dóxica nos *topoi* retóricos, nos valores que sustentam os esquemas de pensamento utilizados, e não no conteúdo temático apresentado. Assim, Perelman “[...] considera que o uso de um tipo de *topos* mais do que outro testemunha os valores e os modos de ver da época que lhe concebe a preponderância.” (AMOSSY, 2005, p. 112, tradução nossa).

A situação argumentativa caracteriza-se, segundo Perelman, como uma situação conflituosa na qual teses opostas são apresentadas, visando à solução de um problema. O conceito de “justo” consiste, para Perelman, em uma meta-regra que funciona como

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

uma lei de passagem que avalia o nível de racionalidade das ações e decisões. Na leitura de Souza (2001, p. 167), “[...] o conceito de ‘justo’ corresponde ao topos que Perelman recupera de Aristóteles e o desenvolve como um princípio que une o orador a um auditório universal construído pela tradição e pelo consenso sobre o que é justo.”.

Avançando um pouco mais na questão, apresentar-se-á, resumidamente, a Teoria da Argumentação no Discurso, proposta por Ruth Amossy, a qual será adotada por tratar-se de uma teoria mais adequada aos propósitos desta pesquisa. Amossy entende a *doxa* como um constructo social, um elemento essencial à argumentação, como condição de intersubjetividade e, por isso, constitui a interação, garantindo uma eficácia verbal.

Ela aponta que o desenvolvimento da Pragmática Contemporânea cooperou para um melhor entendimento das perspectivas retóricas de *doxa* que, juntamente com a Análise do Discurso, buscam mostrar como o discurso constrói uma interação efetiva com uma audiência real ou imaginária.

Posicionando-se contra a ideia de que os lugares comuns não são inovadores, não prezam pela criatividade e originalidade, bem como contra a ideia de que estes denunciam representações coletivas, expondo seus fundamentos ideológicos, a pesquisadora defende uma análise embasada não apenas no quadro formal da enunciação (BENVENISTE, 2006), mas também na natureza social e institucional dos sujeitos, do gênero, enfim, do que constitui uma situação comunicativa.

A interação verbal apresenta-se dinâmica e, conseqüentemente, os elementos dóxicos que dela fazem parte. É possível até mesmo dizer que uma troca verbal pode não se desenvolver sem pontos de concordância pré-existentes e no consenso. Logo, a *doxa* molda, enquanto constructo social e condição de intersubjetividade, atitudes coletivas e comportamentos quando a comunicação é efetiva.

O auditório, nesta perspectiva, também apresenta um papel importante, pois a ele o sujeito que argumenta deve adequar-se para alcançar a persuasão. Assim, pode-se dizer que há uma *doxa* global da qual se escolhem elementos dóxicos que são úteis para persuadir em cada situação específica em que as pessoas se encontram.

Observa-se que a *doxa* não se trata de um conjunto sistemático, homogêneo de elementos, segundo afirmavam estudiosos como Angenot (1988, p. 86 apud Amossy, 2002a):

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

falar sobre o discurso social então significa descrever um objeto composto, composto de uma série de conjuntos interativos subordinados, de elementos migrantes, onde tendências hegemônicas e leis tácitas trabalham. (ANGENOT, 1988, p. 86 apud AMOSSY, 2002a, p. 472, tradução nossa).

Amossy (2002a) revela sua preferência por abordar a *doxa* como algo que funda um interdiscurso. Acredita que os elementos dóxicos são retirados de uma circulação geral da *doxa* global, definida como um interdiscurso difuso, heterogêneo. Segundo ela, “[...] o que importa é o que os elementos dóxicos fazem no discurso (e não o que eles são em si mesmos).” (AMOSSY, 2002a, p. 474, tradução nossa).

Entende-se que a *doxa*, nessa perspectiva teórica, é construída ou legitimada nas interações humanas cotidianas, nas práticas sociais das quais as pessoas, como um todo, participam, podendo ser expressa por diversas formas, explícitas e implícitas, tais como: *topoi* retóricos (“lugar comum”), *topoi* pragmáticos e “lugar específico” (ideias recebidas, clichê, estereótipo).

Por fim, a noção de *doxa* pode ser compreendida em uma abordagem dialógica do discurso, tanto por fundar um interdiscurso quanto por ser condição para as trocas verbais, lei de passagem que permite locutor e interlocutor co-construírem um discurso ao partilharem conhecimentos comuns.

Doxa, ethos e interação

Com base no que foi apresentado, pode-se dizer que quando dois sujeitos ou mais instauram uma interação, não há como abrirem mão do conjunto de ideias, estereótipos, clichês advindos de um lugar comum que eles compartilham e que consiste no fundamento da troca verbal da qual fazem parte.

Assim, a *doxa*, por ser condição de intersubjetividade, está estreitamente relacionada à noção de interação tanto no que diz respeito ao caráter dialógico dos discursos que a compõe (interdiscurso) quanto ao aspecto dialógico entre os elementos dóxicos que os sujeitos partilham.

A argumentação é ativada no discurso a partir de uma situação de conflito, na qual os sujeitos procuram se posicionar a respeito de um tema ou questão, formulando uma tese, a fim de convencer um ao outro, ou ainda um *tiers* (que pode ser um telespectador, um ouvinte ou um leitor). “A argumentação se define então por uma

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

relação triangular entre um sujeito argumentante, uma tese sobre o mundo e um sujeito alvo.” (CHARAUDEAU, 1992, p. 784, tradução nossa).

Em cada situação discursiva, um contrato de comunicação é instaurado pelos sujeitos que dela participam, e este é determinante para a escolha dos elementos dóxicos que constituirão o discurso e serão mais eficazes em sua argumentação e, conseqüentemente, para a produção dos argumentos os quais se ancoram nesses elementos. É importante ressaltar que, em uma análise ideológica, o movimento seria o oposto, ou seja, a *doxa* atravessaria o inconsciente do locutor, emergindo-se em seu discurso, determinando a situação:

O locutor que se engaja em uma troca por colocar à frente seu ponto de vista é tomado em um espaço dóxico que determina a situação de comunicação na qual ele argumenta, moldando sua fala ao coração de sua intencionalidade e de sua programação. (AMOSSY, 2006, p. 104).

As variantes que compõem o contrato de comunicação são: finalidade, identidade, domínio temático e circunstância (suporte material). Segundo Charaudeau (1978, p. 10), o sujeito que argumenta desenvolve, a partir desse contrato, estratégias de argumentação em função das visadas de influência as quais correspondem a seu projeto de fala. Desse modo, o discurso que esse sujeito constrói é, ao mesmo tempo, subordinado às restrições da situação comunicativa e dotado de liberdade para planificar suas ações discursivas e estratégias.

As estratégias desenvolvidas pelos sujeitos, portanto, diferenciam-se pela natureza da sua finalidade: legitimação, credibilidade e captação. A primeira “visa a determinar a posição de autoridade do sujeito, de modo que ele possa responder: ‘em nome de quem eu estou fundamentado a argumentar?’” (CHARAUDEAU, 1978, p. 10, tradução nossa), posicionando-se a partir de sua autoridade institucional ou pessoal. A segunda “visa a determinar a posição de verdade do sujeito, de modo que ele possa responder: ‘como posso ser levado a sério?’” (CHARAUDEAU, 1978, p. 10, tradução nossa), cabendo a ele escolher entre uma posição de neutralidade ou de engajamento. A última, por sua vez, “visa a fazer entrar o parceiro da troca comunicativa no quadro argumentativo do sujeito falante, de modo que ele possa resolver o problema de ‘como fazer para que o outro possa ‘ser levado’ pelo que eu digo?’” (CHARAUDEAU, 1978,

p. 10, tradução nossa), podendo o sujeito adotar um discurso de interpelação, pelo viés da polêmica, ou um discurso baseado na persuasão e dramatização.

Se se considera que os sujeitos, ao participarem de uma troca verbal, instauram um contrato de comunicação que define a situação comunicativa, que, por sua vez, leva-os a produzir estratégias, ancorando seu discurso em uma *doxa* partilhada entre si com a finalidade de persuadir, pode-se observar que um ou mais *ethé* discursivos desses sujeitos desenha-se a partir de todo esse processo.

Amossy (2005) aponta a existência de dois tipos de *ethos*: um *ethos* pré-discursivo e um *ethos* discursivo. O primeiro seria aquele que precede à construção discursiva, são os conhecimentos comuns que se possui do orador antes mesmo que ele enuncie algo. O segundo, baseado na noção de *ethos* aristotélico, corresponde à imagem que o auditório elabora do orador ao longo do discurso a partir do que este pensa no que diz respeito a valores, crenças, conhecimentos comuns.

Neste trabalho, focalizar-se-á em uma análise do *ethos* discursivo do narrador e dos comentaristas que constroem a narrativa de uma partida eliminatória para os Jogos Olímpicos de Pequim 2008 da qual a seleção feminina de futebol participou, embora um apontamento breve do *ethos* pré-discursivo desses participantes da interação em questão seja realizado, por se considerar que a eficácia de um discurso não se deve apenas à imagem nele construída, mas desta em consonância ou dissonância com uma imagem previamente conhecida e compartilhada pelos sujeitos. Além disso, defende-se a ideia de que a *doxa* participa tanto da construção de um quanto de outro.

Em Aristóteles (1959), o *ethos* seria uma das provas que constituiriam o discurso argumentativo, acompanhado do *logos* (argumentos) e do *pathos* (paixões). No momento de produção de um discurso, essa prova teria como objetivo causar uma boa impressão no auditório, o qual, vendo-se “espelhado” na figura do locutor, adere à tese deste. Percebe-se que o discurso daquele que se manifesta pela linguagem vem marcado por um *ethos* compartilhado com aqueles para os quais os argumentos (*logos*) são construídos. Assim, os argumentos constitutivos do discurso são os responsáveis pela configuração do *ethos* do enunciador: “persuadir consiste em fazer passar em seu discurso o *ethos* característico do auditório, para dar-lhe a impressão de que é um dos seus que se dirige a ele.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 55).

A eficácia do *ethos* é percebida durante a interação, já que se trata da construção de uma identidade – permeada de escolhas linguísticas, estilísticas, dentre outras – a qual pode ou não corresponder aos atributos reais do locutor (EU comunicante). Ainda de acordo com Maingueneau (2006, p. 272), “o destinatário o identifica apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar” o discurso. Sendo assim, ao lançar mão de representações e estereótipos que compõem uma sociedade onde esse discurso é inserido, o locutor “incorpora o leitor/ouvinte”³ ao seu *ethos*, permitindo-lhe um partilhar de informações comuns (*doxa*). Como afirma Amossy (2005, p. 124), “o orador apóia [sic] seus argumentos sobre a *doxa* que toma emprestada de seu público do mesmo modo que modela seu *ethos* com as representações coletivas que assumem, aos olhos dos interlocutores [...]”.

Sendo assim, pretende-se identificar, ao fim da análise, os *ethé* discursivos (não será abordado o que Amossy define como *ethos* pré-discursivo) que emergem da troca verbal em que se engajam os sujeitos que, baseados em uma *doxa* comum, co-constroem o discurso.

A doxa como estratégia argumentativa: uma proposta de análise

A partida de futebol feminino que se propõe analisar ocorreu como parte das eliminatórias para os Jogos Olímpicos de Pequim (2008), entre as seleções brasileira e ganesa. Foi transmitida pela Rede Bandeirantes, com narração de Sílvio Luiz e comentários de Neto – um ex-jogador de futebol – e Juliana – que já esteve na seleção do Brasil, mas na época jogava apenas em times brasileiros.

Analisando inicialmente o contrato de comunicação, observa-se que Sílvio Luiz possui uma identidade de narrador, que é reconhecida, dotada de uma credibilidade no meio em que atua e entre os telespectadores, com quem também dialoga ao produzir a narrativa. É revelador de um estilo peculiar, irônico, cômico e até mesmo debochado em alguns momentos (é típico de narradores esportivos “criarem” um estilo de narração a fim de diferenciar-se de outros).

³ A noção de “incorporação” é apresentada por Maingueneau em seu livro *Cenas da Enunciação* (2006).

Seu discurso tem por finalidade primeira narrar a partida, embora se possa dizer, com base em pesquisas realizadas acerca das ações discursivas dos interlocutores em narrativas esportivas de futebol (NEF), que os narradores apresentam uma função discursiva meta-narrativa, pois, além de narrar o jogo, comentam, informam e gerenciam os turnos de fala dos seus parceiros de comunicação (SANTOS, 2010). Dessa forma, tanto a finalidade quanto o domínio temático de sua fala se amplia na interação, que possui como suporte a mídia televisiva (composta de imagem, som e linguagem verbal).

Quanto à Juliana e ao Neto, eles enunciam do mesmo suporte material do narrador e apresentam uma identidade de comentaristas na interação que estabelecem, ao mesmo tempo, com o narrador e com o telespectador. Também possuem um reconhecimento social, tendo em vista serem do meio esportivo e já terem atuado (caso de Neto) ou ainda atuarem como jogadores profissionais (caso de Juliana). O domínio temático em que se inserem suas falas é o da narrativa esportiva de futebol, embora esse apresente algumas limitações quanto ao que pode e deve ser enunciado por eles, como comentar o desempenho das jogadoras, da arbitragem, por exemplo.

Percebe-se, ainda, que a narrativa esportiva de futebol, dependendo da situação comunicativa, além de apresentar uma atitude projetiva dos enunciadores – que

[...] consiste em produzir a narrativa, isto é, em descrever as qualidades dos seres do mundo e suas ações, não se impõe ao outro [...] ela lhe propõe ao contrário uma encenação narrativa do mundo naquilo que pode ser apreendido [...] ela permite ao outro se identificar com as personagens da narração” (CHARAUDEAU, 1978, p. 2),

demonstra também a possibilidade de uma atitude impositiva destes – que

[...] consiste em produzir a argumentação, ou seja, explicar o porquê e como os fatos, obriga o outro a se incluir em um certo esquema de verdade. [...] ela impõe ao outro seu modo de raciocínio e seus argumentos (CHARAUDEAU, 1978, p. 3).

A partir desses fatores que constituem o contrato de comunicação, pode-se dizer que, em termos de estratégias de legitimação, os sujeitos fundam-se mais em suas posições de autoridade pessoal (ser homem, ser mulher, já ter sido jogador(a)) e menos nas de autoridade institucional (narrador e comentaristas). Em termos das estratégias de

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

credibilidade, eles assumem uma posição de engajamento; tomam posição na escolha dos argumentos, das palavras, das modalizações avaliativas colocadas em seu discurso, buscando partilhar uma *doxa*. Por fim, a estratégia de captação é utilizada tanto como uma visada polêmica (colocando em causa alguns valores que se espera que o telespectador defenda – tiers) quanto como uma visada persuasiva ou de dramatização (atividade discursiva feita de analogias, comparações, metáforas que se apoiam sobre uma ou mais *doxa* (s) para levar, principalmente, o telespectador a partilhá-las ou sentir certas emoções).

Alguns excertos das falas de Sílvia Luiz, Neto e Juliana exemplificam o que discutimos anteriormente acerca da *doxa* enquanto fundamento da argumentação. Considere, portanto, os quatro trechos a seguir:

Excerto 1

SL: [...] Sulemana, dá uma olhada no *tamanho dela*! Eh... ela *não* tem pressa *não*... diz aqui na... no (?) que eu to recebendo aqui... aí calma já arrumou, *isso aí*... lateral... a a goleira da equipe de Gana, Sulemana, nasceu no dia quatro de novembro de setenta e sete, *dizem* que ela pesa 79 quilos! *Tem que fazer um regimetzinho*, né? A goleira, né, tem que subir, cair, tal, com 79 quilos *é meio brabo*... [...]

Excerto 2

SL: [...] *Ó Bárbara*! Alongando *agora*, Bárbara? Uai! Hum... *não* to sentindo *muita fé* nessa goleira, Juliana... conhece ela de onde?
J: A Bárbara é uma *excelente* goleira, Sílvia. Ela *teve* presente aí no Sul Americano sub-20 é... é uma goleira *nova*. Se eu não me engano, ela faz a sua estréia na seleção principal, então é um jogo importante.
SL: *é...é...*
J: *Mas* estamos *bem* representados com a Bárbara no gol.
SL: *Tamo*... (em tom de ironia) chutando grama... saindo errado... *tamo bem*... aqui em cima com *essa tal* de Bárbara.

Excerto 3

N: É que ela... *tava jogando* no Sport do Recife...
SL: *Ãh? E daí?*
N: E... e aí *tava dizendo* que tava desempregada e agora que tava na oportunidade do 1º jogo... ainda ta por aquela saída de bola dela... ela *ta nervosa*, dá pra perceber *muito bem* que ela *ta intranquila*, então *tem que ter calma*... *Não precisa* bater o tiro de meta, chama a Aline pra bater, a Renata Costa, sai... num num... chama a responsabilidade, não precisa fazer isso.
SL: vai *me estragar* o campo *logo* na estréia, entendeu? [...]

Excerto 4

SL: Vai se arrumando aí o time... aberta! Aberta aí, *Formiguinha*! Não deixa sair com ela... *Eu num* to gostando *muito* é dessa defesa... ta faltando uma

capitã lá atrás... ta faltando a *nossa* Juliana Cabral... que *botava ordem* naquela *cozinha* ali, *minha filha!* Salada de (?), couve lavadinha, feijãozinho ficado ali, *né?* Dois dias pra amolecer... Essa cozinha brasileira, Juliana, eu não to gostando *muito* ô... ô Juliana.

J: *Não*, Sílvia, elas... ah... defesa do Brasil tem se portado *muito bem*... no mundial fez um *belo* campeonato. *Acho* que essa nossa defesa aí *é muito forte*, a Aline, a Marta, a Renata Costa que foi... é com você. [...] *Acho* que as *meninas* estão *muito bem*.

SL: É... *tem que* defender, *né?* Eu eu acho... senão fica... não... *tem que* defender a (o narrador parece não saber o que dizer, hesita) *a classe dela*. [...] aí nós tamo *muito afobado*... [...]

Estabelecendo uma análise paralela dos argumentos utilizados por cada um deles diante de diversos temas que, teremos:

Sílvia Luiz	Juliana	Neto
Argumentos		
“dá uma olhada no tamanho dela!” “ela não tem pressa não” “dizem que ela pesa 79 quilos!” “Tem que fazer um regimezinho, né?” “com 79 quilos é meio brabo...” “Ó Bárbara! Alongando agora, Bárbara?” “Hum... não to sentindo muita fê nessa goleira” “Tamo... (em tom de ironia) chutando grama... saindo errado... tamo bem... aqui em cima com essa tal de Bárbara. “vai me estragar o campo logo na estréia” “ta faltando a nossa Juliana Cabral... que botava ordem naquela cozinha ali, minha filha! Salada de (?), couve lavadinha, feijãozinho ficado ali, né?” “É... tem que defender, né? Eu eu acho... senão fica... não... tem que defender a (o narrador parece não saber o que dizer, hesita) a classe dela. É... tem que defender, né? Eu eu acho... senão fica... não... tem que defender a (o narrador parece não saber o que dizer, hesita) a	“A Bárbara é uma <i>excelente</i> goleira” “Ela <i>teve</i> presente aí no Sul Americano sub-20” “<i>Mas</i> estamos <i>bem</i> representados com a Bárbara no gol.” “<i>Não</i>, Sílvia, elas... ah... defesa do Brasil tem se portado <i> muito bem</i>... no mundial fez um <i> belo</i> campeonato. <i>Acho</i> que essa nossa defesa aí <i> é muito forte</i>... <i>Acho</i> que as <i>meninas</i> estão <i> muito bem</i>.”	“ela... <i>tava jogando</i> no Sport do Recife...” “<i>tava dizendo</i> que tava desempregada e agora que tava na oportunidade do 1º jogo...” “ela <i>ta nervosa</i>, dá pra perceber <i> muito bem</i> que ela <i>ta intranquã</i>, então <i>tem que</i> ter calma... <i>Não precisa</i> bater o tiro de meta... <i>não precisa</i> fazer isso.”

classe dela.”		
---------------	--	--

Quadro 1 – Argumentos recuperados no discurso do narrador e dos comentaristas

Discutindo, a princípio, os argumentos apresentados por Sílvia Luiz, percebe-se que eles estão ancorados em uma *doxa* permeada de valores reconhecidos como machistas, de uma sociedade patriarcal, onde ao homem são dados certos privilégios e/ou capacidades e não às mulheres. Assim, é possível destacar como elementos dóxicos na fala de SL: mulher não tem preparação física adequada; mulher não tem conhecimento do funcionamento da prática esportiva; mulher não tem habilidade (não sabe nem bater tiro de meta); mulher sabe organizar/administrar o que é próprio do seu mundo, mas não sabe o que lhe é estranho (o futebol, neste caso); mulher defende mulher por pertencer à mesma classe e não por reconhecer na outra uma competência, por exemplo.

Embora esta análise se restrinja a apenas alguns exemplos, é possível observar a reafirmação dessa *doxa* ao longo de toda a narrativa, inclusive em relação à comentarista Juliana. A hipótese que orienta este estudo é de que o uso dessa *doxa* funciona, principalmente, como uma estratégia argumentativa de captação, pois pressupõe-se que a maioria de seus interlocutores faz parte de um público masculino.

Sílvia Luiz, então, constrói um *ethos* de narrador irreverente, crítico e, até mesmo, sarcástico, além de pautar-se no reconhecimento que possui no meio do jornalismo esportivo, para mostrar que entende de futebol ao referir-se ao condicionamento das jogadoras e árbitras, bem como ao seu desempenho/rendimento e habilidade com a bola. Tudo isso, remete, ao menos nesta situação comunicativa específica, ao *ethos* de um homem que não acredita totalmente no futebol feminino, na capacidade feminina para jogar um esporte que, por muitos anos⁴, era restrito à comunidade masculina.

Quanto à Juliana, seus argumentos estão ancorados em uma *doxa* que demonstra um incentivo e valorização do futebol feminino; que revela que as poucas oportunidades de adquirir experiência que as jogadoras têm são aproveitadas (só não tem mais pela falta de incentivo ao futebol feminino no país); enfim, que as mulheres são batalhadoras

⁴ O Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, em seu artigo 54, trazia: "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]". Cf. <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>.

e tão competentes quanto os homens no que diz respeito a futebol. O uso desses elementos dóxicos que retomam lugares comuns acerca do papel e da posição da mulher na sociedade funciona como um contraponto ao que é apresentado por SL. A comentarista tenciona, ao longo da narrativa, desconstruir a argumentação empreendida pelo narrador por meio de uma contra-argumentação calcada em uma estratégia de legitimidade e de credibilidade, tendo em vista seu estatuto social na enunciação.

Juliana constrói, a partir de seus argumentos, um *ethos* de quem confia na seleção da qual ela mesma já fez parte. Demonstrando legitimidade para falar das jogadoras, pois as conhece, mostra um *ethos* de alguém que se pronuncia sobre o que conhece e, por isso, seu discurso é digno de confiança. Além do mais, ela não revela um *ethos* de comentarista que, por ser mulher, defende as demais, mas recusa esse *ethos* pré-discursivo colocado em jogo por Sílvio Luiz. Mas um *ethos* de atleta e torcedora brasileira que acredita no potencial feminino para jogar futebol.

Por fim, Neto, também comentarista, baseia seus argumentos em *doxa* (s) que funciona (m) como uma justificativa para o comportamento da jogadora: que o mal desempenho de um (a) jogador (a) deve-se à falta de experiência em um time grande, de destaque; que o mal desempenho de um (a) jogador (a) pode estar relacionado à falta de preparação física/boa forma; que o mal desempenho de um (a) jogador (a) deve-se a uma situação psicológica; e, por fim, que se alguém não sabe fazer algo, não deve se expor tentando realizá-lo.

O comentarista tenta não se posicionar claramente diante dos fatos, não se comprometendo nem com o telespectador masculino nem com o feminino, o que provavelmente conquistará uma adesão maior do último e menor do primeiro. Revela uma argumentação mais positiva dos fatos comentados, demonstrando-se um incentivador da prática do futebol feminino no Brasil.

Desse modo, ele constrói sua argumentação a partir de uma estratégia de legitimação, com base em sua posição de autoridade pessoal, pois já foi jogador e, sendo assim, possui poder e legitimidade para falar sobre alguém que se encontra nesta situação. Lança mão também de uma estratégia de credibilidade, já que escolhe uma posição de engajamento para justificar a atuação das jogadoras.

Os *ethé* por ele construídos consistem na imagem de um comentarista que procura compreender a situação, antes de se posicionar taxativamente em favor ou

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

contra algum fato, logo, que é cauteloso ao criticar. Assim, ele procura entender as causas das deficiências da seleção feminina de futebol e busca mostrá-las ao telespectador, para que este venha a aderir ao que diz.

Finalizando, o discurso co-construído pelos enunciadores constitui uma teia interdiscursiva na qual elementos dóxicos diversos são disseminados e circulam, dialogando entre si. Além disso, constatou-se o caráter heterogêneo da *doxa*, já que na narrativa em análise percebemos que a opinião comum participa de correntes diversas, sendo até mesmo contraditórias (SL x J e N). Observou-se também a vinculação desses elementos dóxicos a *ethé* que os enunciadores pretendem que sejam reconhecidos e compartilhados pelos telespectadores a fim de conquistarem-lhes a adesão, por meio de seu discurso.

Considerações finais

A tentativa de aplicar o conceito de *doxa* a partir da interface entre os estudos da argumentação e da análise do discurso no discurso construído na narrativa esportiva de futebol mostra o quanto o uso que se faz da linguagem é rico e o quanto ainda há por investigar em termos de práticas sócio-discursivas.

Além disso, o *corpus* escolhido para análise confirmou a ideia de que a *doxa* atua como um elemento constituinte e indispensável às trocas verbais realizadas no cotidiano, inclusive nas supostas interações que as pessoas estabelecem com aqueles que trabalham na mídia, em especial, na TV. Mesmo em um gênero que, a princípio, tem como finalidade entreter e informar, observa-se que a *doxa* se faz presente como uma lei de passagem, partilhada pelos interlocutores que buscam uma interação, uma intercompreensão e, mais que isso, o convencimento do outro que, no caso, é o telespectador.

A *doxa* faz emergir no discurso vários lugares discursivos em que se posicionam narrador e comentaristas ao longo da narrativa. Isso deve conduzir a uma reflexão sobre a importância que esses enunciadores têm como formadores de opinião do público que os assiste durante as transmissões de partidas de futebol.

Referências

- SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).
- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2005.
- AMOSSY, Ruth. Le plausible et l'évident: doxa, interdiscours, topiques. In: AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2006.
- _____. Introduction to the study of Doxa. In: AMOSSY, Ruth. (Ed.). *Poetics Today*. Vol. 23, n. 3, Fall. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2002a, p.369-394.
- _____. How to do things with doxa: toward an analysis of argumentation in discourse. In: AMOSSY, Ruth. (Ed.). *Poetics Today*. Vol. 23, n. 3, Fall. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2002b, p. 465-487.
- ARISTÓTELES. Livro Primeiro. In: ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Europeia do Livro: 1959. (Coleção Clássicos Garnier).
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. L'argumentation n'est pas ce que l'on croit. In: *Revue Le Français Aujourd'hui*, 123. Associations françaises des enseignants de français, 1978.
- _____. Le mode d'organisation argumentatif. In: CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Éducation, 1992.
- DUCROT, Oswald. *O Dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- MAINGUENEAU, Dominique. Problemas de ethos. In: _____. *Cenas da Enunciação*. Tradução de Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva et al. Curitiba: Criar Produções, 2006.
- MENEZES, William. A. Faces e usos da argumentação. In: MARI, Hugo. et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso-FALE/UFMG, 2001.
- PLATÃO, *Diálogos/ Platão*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha: tradução e notas de José Cavalcante e Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. *A narração esportiva de futebol: análise discursiva de um fenômeno midiático*. 2010. 181 f. Dissertação (Mestrado em

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. A doxa como estratégia argumentativa na narrativa esportiva de futebol na televisão. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 1-19, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, Wander Emediato de. Retórica, argumentação e discurso. In: MARI, Hugo. et al. *Análise do discurso*: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso-FALE/UFMG, 2001.

Recebido em outubro de 2012.

Aceito em novembro de 2012.